

D'accord, até a próxima missa

D'accord, até a próxima missa – Eduardo Costa de Mancilha

Biografia do autor: Graduado em antropologia.

Mestre em antropologia. Atualmente trabalha com Comunidades de Terreiro (religiões de Matriz Africana ou Afro-brasileira) na interface com as políticas públicas de patrimônio cultural. Adepto do Candomblé, nação Angola. Possui interesse em literatura marginal e escrita experimental. Imerso no meio musical, tenta transportar este universo para a poesia através da sonoridade das palavras. Acredita no poder transformador dos pensamentos não hegemônicos, e por isso os temas tratados nos poemas perpassam pela diferença cultural, transgressão e loucura.

Resumo do texto: Poesia sobre colonialidade.

Chumbo, graxa e serragem. Dez dias de tremores. O coração latino destroçado em ferragens. A linguagem boiando numa poça férrea. Um atlas miúdo soterrado sob os joelhos. Citando de cor, língua branda imutável, com todos os riscos escondidos nas folhagens. Vocação de cores quentes e a tendência de tonturas elípticas, apesar das linhas telefônicas se juntarem ao blackout. Imerso na lama agridoce, fazendo-se sopa nas canelas arrebetadas e trêmulas. Rastejando em público, pouco bíblico, suplicando... fazendo alusão, escondido no sótão, como se fosse a última cinza batida na janela. Visualizei tratados mornos entre apertos. Palitando a coronária – e que diabos é isso? Entornando as calçadas vermelhas em minha blusa. Um mercúrio ácido de plantações vulgares nas costas oceânicas do centro-oeste. Tão secas quanto as estradas sem destino e motores perpétuos semeando o ódio. Guerras particulares estourando nos quintais, como se não tivéssemos nossos próprios corredores de Nacala. Podei a acidez, assegurei as tréguas, escondi meus tesouros. Cochilando entre ciclos movediços. Disfarçar nunca, rachando becos, trazendo dissabores repentinos. Fui lá espiar o inconcebível, saboreando um café indiano inundando de pó, tal qual um cheiro tépido serpenteando agudo nos trovões de brinquedos bélicos. Uma maré de rua impregnada nos calcanhares. Acerto de conta com os movimentos diários. Hoje não, talvez, quem sabe, quando o céu abrir de novo e a chuva levar sem censura. Evitando contato visual, acomodando o reflexo das escamas e das peles novíssimas tiradas de arquivos ultrassecretos.

--

O caos ressurgiu pontual na maré fétida das Américas. Entre esconderijos, sempre me busque nas vigílias; sou absurdamente generoso ao seu mundo. A madrugada vibra silenciosa; respiramos ritmados enquanto o ar arrepiava as esquinas da carne. Vibremos um manifesto de espera... um mergulho atento as correntes de opinião. Um chiado ultramarino pelos satélites. “Tem boi na linha?”. “D'accord?”. “Alfabetização cheirando a homem da terra”. “Aló, aló, aló, goriliz again?”. Desligo suando frio, as mãos úmidas mal conseguem segurar o telefone. O vizinho cai na lata de lixo, chiados agudos sobem as escadas. Cápsulas mergulhadas em saliva. Subjetividades batidas no liquidificador. Quantas vezes ouvi sobre uma Nova Lisboa? E vi Cravos gotejando debaixo das unhas e o canto de Barcelos preenchendo os bairros de lata. Retornei a chamada e um canto de sabiá prometeu que dessa vez só sangraria o necessário até chegar a próxima missa.